

Os Braços da Lancha

António Vianez Foi dos Primeiros

José Peixoto

“A Fé em Deus é o mais nobre embaixador e o mais belo estandarte que a Póvoa tem”. Quem o diz é António Vianez que nasceu em Moçambique há 48 anos mas reside na Póvoa desde os seis anos de idade. Licenciado em Gestão de Empresas, António Vianez foi praticante de vela no Clube Naval Povoense e no Clube de Vela Atlântico, colectividades em que ganhou títulos e atingiu várias internacionalizações. Descendente de pescadores poveiros, mantém os dois cálices na sigla de família.

“Acompanhei de perto a construção da lancha poveira porque sempre nutri uma grande amizade e admiração pelos seus construtores: João Feireira e o António Carpinteiro. Integrei a tripulação desde o bota-abaxo, uma cerimónia com muita gente a presenciar e a colaborar. Fomos ao mar com o saudoso mestre Antoninho ao leme da Lancha. O Ala Arriba foi na fabita como era antigamente. Para cumprir a tra-

dição, uma virgem urinou para dar sorte e abençoar a lancha. Só não fui a Brest, de resto fiz todas as viagens até à Expo 98”, recordou António Vianez

Todas as viagens têm todas a sua estória e valentia, mas o antigo tripulante elege a regata dos galeões do Sado pela sua especificidade: “nos encontros de embarcações o objectivo é participar, mas nas regatas há competição e nós vencemos. Foram muitas as atribulações, que só vieram dar mais sabor à vitória. Não havia vento e os galeões partiram de Paço de Arcos meia hora antes da lancha. Remamos até fazer sangue e o norte trazer o vento. Umhas horas depois passamos por toda a gente. Cortamos a linha de chegada à frente do galeão Requitum. Como não acreditaram na coça que levaram, alguns adversários mergulharam para ver se havia um motor no casco da lancha. Acabamos por ser o centro das atenções em Setúbal”.

O regresso da viagem a

Grove, Galiza, nunca se apagará da memória de António Vianez: “fomos rebocados até La Guardia, mas as restantes 30 milhas, até ao cais da Póvoa, foram feitas à vela e em tempo record. Viemos a voar e a rasgar ondas debaixo de uma nortada particularmente riça. Houve mestres que disseram que a tripulação incorreu em grande risco e nunca mais navegaram na lancha. Chegamos sem problemas e considero um feito do homem do leme. Nunca mais esqueço semelhante odisseia”.

Entre outros feitos, o antigo tripulante recorda um salvamento no S. Pedro de Afurada: “um miúdo que estava a nadar chegou-se mais para o largo e foi-se abaixo. Foram dois tripulantes da Fé Em Deus que se mandaram à água e salvaram o miúdo que já estava de unhas viradas e todo roxo”.

António Vianez foi tripulante numa altura em que havia mais pescadores do que velejadores do Clube Naval. “Com muito orgulho



António Vianez

naveguei na lancha com os últimos bons poveiros, pela sua tipicidade. Admiro o mestre Nia, arraçado homem que faz e cumpre o que diz, venha quem vier. Grande parte do emblemático da lancha a ele se deve e ficará ligado. Não tinha grande experiência de vela mas fez-se por ele”, concluiu.

O antigo tripulante diz ver com muito agrado a lancha a navegar: “elogio todos os tripulantes que neste momento dão continui-

dade ao sonho do Manuel Lopes”. E acrescenta que o regresso pode acontecer um dia: “o mestre já me tem falado e não descuro essa possibilidade. É inevitável eu voltar a navegar na lancha, mesmo que seja uma última vez. Entre a actual tripulação há uma grande camaradagem, mas haverá sempre entradas e saídas. Assusta-me ouvir que um dia a lancha vai para o museu. Se isso acontecer acredito que será substituída por outra”.